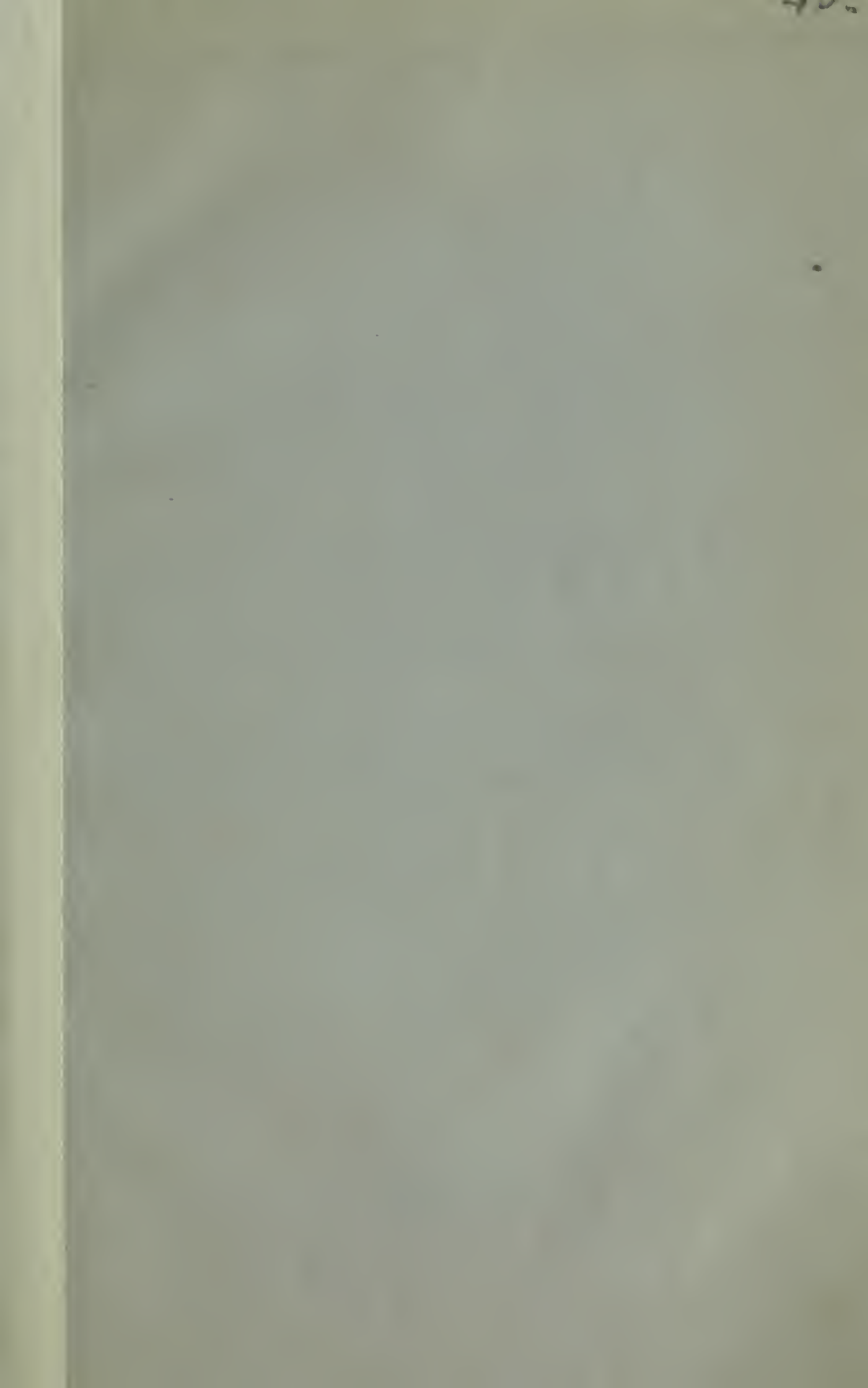
Herculano de Carvalho e Araujo,
Alexandre
Eu e o clero

EU E O CLERO

CARTA AO EM.^MO CARDEAL-PATRIARCHA

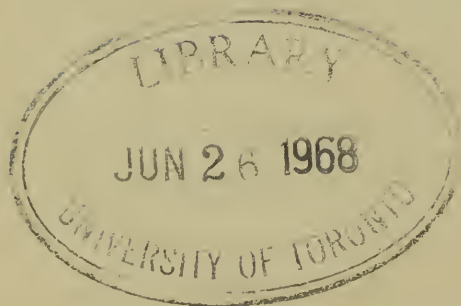
POR

A. HERCULANO

LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL

M DCCC L

EM.^{mo} SENHOR,

É DEBAIXO da impressão de vivo desgosto, e cedendo emfim ao impulso de uma justa indignação, que dirijo a V. Em.ª esta carta. A desculpa que merece um animo turbado por offensas immerecidas, e o favor que sempre encontrei em V. Em.ª me fazem esperar que esse favor não padecerá quebra, se alguma phrase mais forte do que eu desejára, me fugir da penna ao escrever este papel; papel que, solemnemente o declaro desde já, não tem por objecto, como alguem poderia suppôr, pedir desaggravo das offensas a que alludo. De natureza são ellas, que nem preciso nem quero que outrem as puna. Sei e posso eu faze-lo, se cumprir, de um modo que sirva de escarmento á ignorancia perversa e á hypocrisia insensata. O meu intuito é apenas rogar directamente a V. Em.ª e indirectamente aos demais prelados de Portugal, a cujas mãos chegar esta carta por intervenção da imprensa, que, obstando a novas provocações da parte do clero, me poupem a dar uma dura lição a individuos, que, desconhecendo os deveres do sacerdocio, e incapazes de sentimentos de moderação, tentam excitar as paixões odientas de um fanatismo que já nem talvez o povo compre-

*

hende, contra um homem que nunca lhes fez mal, e que nem sequer se lembra delles, porque tem cousas um pouco mais sérias em que cogitar.

Ha quatro annos que publiquei o primeiro volume de uma Historia de Portugal, que tem feito certa impressão no paiz, e ainda fóra delle. Na benevolencia com que esse livro foi recebido por naturaes e estranhos, nada ha provavelmente que deva lisongear o amor-proprio litterario do auctor, mas ha uma prova de que o publico reconheceu nelle certa independencia d'espirito, e uma estricta imparcialidade, para a qual o longo e severo exame dos factos o habilitava. Como eu o prevíra na advertencia posta á frente daquelle primeiro volume, a sinceridade da narrativa, estribada em monumentos irrecusaveis, destruindo muitas dessas tradições, mais ou menos improvaveis, que deturpam a historia de todos os povos, suscitou contradictores. Era uma cousa natural. As manifestações da colera, as injurias vertidas contra mim na imprensa, não podiam causar-me nem estranhesa nem abalo. Diante dellas eu estava resolvido a guardar silencio e a proseguir na senda que abríra, sem me distrahir em luctas estereis. A verdade fica e as preoccupações passam. Ao mesmo tempo a minha resolução inabalavel era, e é, despresar todos os respeitos humanos que se contraponham á voz da propria consciencia. Todavia o não nos affastarmos dos seus dictames, é empenho que não sae de graça neste mundo de paixões pequenas e más; e bem louca esperança seria a minha, se a tivesse de evitar os effeitos de uma lei universal. Era por isso que estava resolvido a esgotar resignadamente o meu calix.

Pouco depois da publicação do primeiro volume da Historia de Portugal, n'um periodico litterario da Universidade de Dublin um critico inglez púnha em duvida se eu, que expurgára de lendas fradescas a historia do berço da monarchia, teria esforço bastante para avaliar como cumpria as longas e violentas dissensões dos reis da primeira dinastia com os bispos, e com a curia romana. Quando li isto sorri-me. Nessa mesma conjunctura se publicava em Lisboa o meu segundo volume, onde se continha a narrativa de boa parte

daquellas discordias. Alli me parece ter dado documento de que os receios manifestados na imprensa ingleza não eram dos mais bem fundados.

Mas esse volume, accendendo novas coleras, despertou em alguem a idéa de me refutar de um modo inaudito. Do pulpito de uma das igrejas de Braga, da antiga metropole, onde ainda devem estar bem vivas as memorias do veneravel Caetano Brandão, do illustre prelado que pretendia reformar o breviario e missal bracharenses por causa *das suas intoleraveis patranhas e falsidades,* (phrase do grande arcebispo) o meu nome foi lançado ás multidões ladeado dos epithetos de hereje, de impio e de outros similhantes. Um egresso fanatico e ignorante (como o são centenares de sacerdotes no meio do nosso clero, que não recebe ha muitos annos nem educação moral nem educação litteraria) cubriu-me de injurias diante de um concurso numeroso, segundo me informaram, porque no meu livro usára do direito de historiador, qualificando devidamente essas intelligencias vastas e energicas, mas corruptas, violentas e cubiçosas, que cingiram a thiara papal, e que se chamaram Gregorio, Innocencio ou Honorio. A principio acreditei que isto não passára de um impulso de fanatismo individual; mas em breve me desenganei de que o facto pertencia a um systema organisado de aggressão. A imprensa politica noticiou procedimentos analogos para comigo em outros logares do arcebispado. Se o objecto das invectivas era o mesmo, se igual a violencia das expressões, ignoro-o: mas o que me pareceu evidente foi que havia, como disse, em tão insolito proceder um systema uniforme e combinado.

Calei-me. A minha equanimidade foi bastante para tolerar este ataque brutal á liberdade do pensamento; foi tamanha como a do respectivo prelado, que guardou silencio, e que devêra ter advertido o seu clero de que, não havendo eu offendido doutrina alguma da igreja, e tendo-me limitado a julgar os homens e os factos da epocha sobre que escrevia, por mais erradas que fossem as minhas opiniões, ellas não podiam ser qualificadas publicamente de hereticas, concitando-se assim contra mim a credulidade popular. Um

sermão não é o meio de refutar erros litterarios, e muito menos o é qualificar taes erros como offensas da fé para os transformar em crimes religiosos. Em similhante terreno a lucta seria impossivel, porque delle brota o risco pessoal, ou pelo menos a perda da reputação moral para um dos contendores, ou melhor direi para a victima indefensa, amarrada ao poste desse novo genero de patibulo. Os ignorantes olharão com horror para o Luthero ou Calvino que surge na terra da patria, e esse odio publico é uma verdadeira coacção á liberdade legitima do escriptor: legitima, digo, porque, apesar de tantas declamações e queixas, é evidente que no meu livro não ha uma unica palavra que offenda a orthodoxia da igreja. Se eu tivesse proferido alguma heresia, os prelados portuguezes, e em particular V. Em.ª como meu pastor, não seriam capazes de faltar aos seus mais estrictos deveres, deixando de me advertir do erro com caridade evangelica, e de me condemnar se eu insistisse nelle. Era então que aos bispos, e não a qualquer desses cirzidores de farrapos de sermões velhos, desses inimigos figadaes da lingua, da grammatica e do senso commum, denominados por antiphrase, prégadores ou oradores, que era licito, que cumpria lançar sobre mim o anathema.

A guerra desleal que uma parte do clero (digo uma parte, porque no seu gremio ha muitos homens leaes e verdadeiramente illustrados) me declarára no norte do reino não tardou a apparecer no meio-dia, no recincto da propria capital. O primeiro commettimento foi tentado n'uma solemnidade notavel, e n'um dos templos mais frequentados de Lisboa. Nesse acto o absurdo da aggressão nasceu antes da impropriedade do logar, do que das formulas empregadas pelo aggressor, que se absteve de injurias grosseiras. Lisboa não é Braga, e o negocio precisava aqui de maior circumspecção. Entretanto a tentativa desagradou geralmente, e eu pensei que emfim me deixariam em paz.

Não succedeu assim. Ultimamente na minha propria parochia, e dous dias depois n'outra igreja da capital, fui de novo arrastado perante as turbas na torrente da eloquencia clerical. Se no primeiro caso houve a intenção de se me

administrar face a face uma correcção fraterna, o calculo falhou. Creio que V. Em.ª me faz a justiça de acreditar que não me deleito excessivamente em ir ouvir máus sermões de ha sessenta annos, ou traducções detestaveis de fragmentos de sermonarios francezes, declamadas, ou antes carpidas, em tom ainda mais detestavel. O annuncio de um sermão é para mim por via de regra a espada percuciente do anjo do paraiso, flammejando á porta do templo. Salvo em rarissimos casos, não haveria forças que podessem arrastar-me a assistir aos partos da oratoria, que, por irrisão sacrilega, se denomina sagrada. A resistencia dos meus nervos em tal conjunctura seria mais forte do que a propria vontade.

Em Braga, e creio que nos outros logares daquella diocese, a censura tinha sido fulminada contra a liberdade com que fallei dos chefes da igreja nos seculos médios, da curia romana, e talvez dos bispos portuguezes de então. Ao menos lá a invectiva tinha uma certa originalidade. No patriarchado, porém, as accusações, posto que menos brutaes, tiveram o defeito de ser um verdadeiro plagio.

Narrando no primeiro volume da Historia de Portugal o recontro de Julho de 1139 em Ourique, reduzido ás dimensões que suppuz e supponho exactas, omitti a fabula do apparecimento de Christo, como cousa indigna da gravidade da historia, e sob certo aspecto demasiado irreverente para com o sublime Fundador do Christianismo. Apenas n'uma nota alludi a essa tradição absurda, affirmando que se estribava n'um documento falso, o celebre juramento attribuido a Affonso I, juramento que ainda existe no supposto original. Eis o grande escandalo para os prégadores de Lisboa. Confesso que ahi tractei esse embuste com o despreso que elle merece, porque na verdade, conhecendo eu muitos diplomas forjados com maior ou menor destreza, este é, sem contradicção, o mais inhabilmente executado.

As poucas palavras que dediquei a similhante ninharia suscitaram o zelo de alguns individuos, persuadidos de que eu tinha despedaçado com as tres ou quatro linhas que a tal proposito escrevi, o palladio da independencia nacional, que

bem fraca independencia seria se estivesse como adscripta á crença ou á descrença n'um conto de velhas. Houve até um pobre homem, o qual, no meio das discordias civís que assolaram o reino pouco depois da publicação do meu livro, dirigiu aos povos do Alemtéjo uma proclamação, em que affirmava que, ligado por um pacto infernal com os membros do governo então derribado, eu ia demolindo as glorias portuguezas para vendermos de commum accôrdo a independencia da patria. Não me recordo agora do preço, nem de quem foi o comprador, mas a venda parece que era incontestavel.

Entretanto publicavam-se artigos de jornaes, e folhetos avulsos contra mim. Nada mais legitimo; nada mais liberal. Se os corsarios da palavra de Deus, que esbombardeam o meu pobre livro de um logar aonde eu não posso subir, do alto do pulpito, convertido em chapiteu de proa de junco malaio, houvessem seguido este rumo, seria eu tão ridiculo como o instrumento da apparição, se disso me queixasse a V. Em.ª ou aos outros prelados do reino. A imprensa é uma estacada onde nos julgadores do combate, e sobre tudo de um combate litterario ou scientifico, ha já um grau de illustração, que até certo ponto affiança uma decisão justa. Reptado ahi, eu podia erguer a luva, ou deixar, quando assim o entendesse, que o livro incriminado servisse por si mesmo de resposta aos impugnadores. Em um e em outro caso procederia livremente, e não ficaria, como no campo em que sou aggredido, collocado debaixo de uma coacção moral. Ahi os reverendos prégadores, que tem tido a condescendencia de tractar da minha humilde pessoa, até poderiam appellidar-me, se quizessem, hereje, impio, atheu, demonio incarnado: eu respondia-lhes que elles estavam bem livres de ser nenhuma dessas cousas, e ficavamos perfeitamente pagos.

Dous dos folhetos avulsos dirigidos contra a Historia de Portugal, que me chegaram ás mãos, tractavam justamente desse gravissimo negocio da apparição, que em parte me tem feito victima, por me servir de uma phrase do padre Isla, da *dialectica eloquencia dos selvagens da Eu-*

ropa. Ambos comedidos e cortezes, ao mesmo tempo que produziam no meu animo um sentimento de tristesa, inhibiam-me de responder-lhes, ainda quando não estivesse, como ha pouco disse a V. Em.ª, no firme proposito de evitar luctas estereis. A tristesa que senti á leitura daquelles folhetos nascia de achar nelles a prova da decadencia a que tinham chegado neste paiz os estudos historicos. N'um livro que, com bons ou maus fundamentos, mudava completamente o aspecto até aqui attribuido ao complexo dos successos do nosso paiz, na infancia da sociedade portugueza, havia por certo mais de uma inexacção, mais de um defeito importante, como obra que era de homem — de homem desajudado n'uma empresa de tal ordem, e entregue unicamente aos proprios recursos e forças. Ácerca, porém, das materias positivas, historicas, susceptiveis de serio exame, apenas appareceu, que me conste, um artigo no periodico litterario a *Revista Universal*, e outro no *Observador* de Coimbra. As duas publicações avulsas que me vieram ás mãos, ambas, como disse, curavam exclusivamente de me demonstrar o milagre da apparição, milagre do qual (atrevo-me quasi a affirma-lo) ainda que os meus adversarios o tivessem sustentado com boas razões *historicas*, me parece que eu, V. Em.ª, toda a gente, que não seja algum leigo capucho, haviamos de continuar a rir, cada qual segundo o papel que acceitou nesta grande comedia humana — uns em publico, outros em particular.

Agora pelo que respeita aos motivos que, além da razão geral já dada, me inhibiam de responder aos dous escriptores, permitta-me V. Em.ª que eu dilate um pouco o discurso a este proposito. Não é a digressão alheia ao assumpto. O meu silencio ante contendores francos e leaes, que me buscavam com armas cortezes no campo da imprensa, interpretou-o a ignorancia como um signal de fraqueza. Não contribuiria isto para despertar a audacia dos meus anathematisadores? Não seria eu proprio o culpado da minha affronta? Desculpe V. Em.ª uma comparação acaso ambiciosa em demasia. Tem o merito de se referir a uma fabula, e nós achamo-nos n'uma questão de fabulas. Quando

o leão jazia moribundo, foram as feras valentes e generosas que arrostaram o perigo. O onagro só veio ferir-lhe a fronte pendida, depois que, averiguada a situação do rei das florestas, se persuadiu de que podia injuria-lo a seu salvo.

Se fui, pois, o causador do mal, devo justificar o silencio que o gerou. É a esse alvo que se dirige a digressão de que fallo.

Um dos folhetos era escripto por um ancião respeitavel, não só pelas suas cans, mas tambem pelos seus padecimentos physicos, consideração fortissima para mim, que entendo ser sempre digna de respeito a desgraça; era producção de um homem chegado áquelle quartel da vida, em que o espirito parece eivado da ruina do corpo, que vem annunciando a proximidade do tumulo. Com a mão na consciencia eu protesto a V. Em.ª que ainda hoje sentiria remorsos, se na força da vida e do pouco talento que Deus repartiu comigo não tivera sabido domar os impulsos de um ridiculo amorproprio; se houvera ido derramar a afflicção sobre o leito de dor do afflicto, para saborear o triste e vergonhoso prazer de ouvir os apupos do publico a um pobre velho, que queria, que tinha o direito de morrer em paz abraçado com as tradições da sua infancia; que precisava de protestar contra um homem, o qual, embora involuntariamente, ia prostituir-lhe no coração idéas e affectos, amigos constantes da sua larga existencia. Se Deus podesse fazer milagres absurdos e inuteis como o da apparição, eu preferiria ver-me convertido em cirzidor e carpidor de farrapos parencticos a ter de accusar-me de uma acção, que não sei qual seria mais, se covarde, se despiedada.

Quanto ao outro folheto, composto por um homem de talento, instruido, e no vigor da idade, não militavam as mesmas razões de conveniencia moral; militavam, porém, outras assaz fortes, e de naturesa analoga. Affastadas as considerações poeticas, alheias a materias historicas, os argumentos colligidos naquella publicação a favor do milagre de Ourique, dividiam-se em duas categorias, ou antes eram apenas dous argumentos. Um consistia no consenso de certo numero de escriptores, todos de epochas mais recentes que o meado

do seculo XV. A futilidade desta argumentação é evidente. Os *classicos* são respeitaveis como mestres de lingua; mas como testemunhas de um facto, que se diz acontecido pelo menos trezentos annos antes delles, de nada servem. A qualidade de classicos não exclue a de credulos, e nem sequer a de inventores de patranhas. A chronica de Clarimundo, a da Tavola-redonda, a de Palmeirim d'Inglaterra são escriptas por tres classicos como Barros, Jorge Ferreira, e Francisco de Moraes, e eu supponho, não sei se me engano, que esses livros não encerram senão mentiras. Se o auctor queria provar-me a perpetuidade da tradição de Ourique, não devia esquecer o *criterium* estabelecido por Vicente de Lerins, e com elle pelo senso commum, para distinguirmos das falsas as tradições verdadeiras: *Quod semper, quod ubique, quod ab omnibus creditum est.* Era-lhe necessario mostrar-me essa tradição através de todos os seculos, e sobre tudo dos seculos onde ella desapparece, os tres immediatos ao supposto successo. Confesso a V. Em.ª um peccado, e alliviarei delle a consciencia, porque o confesso perante o meu pastor: a minha intelligencia foi demasiado orgulhosa para descer a refutar similhantes objecções. Que me importava, de feito, que a fabula tivesse este ou aquelle motivo, nascesse no seculo XVI ou no XV? Tomára eu tempo e monumentos para averiguar os factos verdadeiros e as suas causas, circumstancias e effeitos. Genealogico d'embustes é mistér para o qual me falta inteiramente a vocação.

A segunda categoria de argumentos, ou antes o segundo argumento em favor do milagre, era a citação de dous textos precisos, de duas auctoridades contemporaneas, que relatavam o successo. Uma era nada menos que a de S. Bernardo, outra a de uma copia coeva do juramento, copia conservada em Roma, e transcripta no volume 51 da *Symmitica Lusitana*, manuscripto da Bibliotheca Real, de cuja existencia é abonador o illustre Cenaculo. Este argumento estava longe da obvia fraquesa de est'outro. A tradição ía assim prender-se do seculo XV ao XII, embora obscurecida no periodo intermedio. Alguem imaginará, portanto, que para não responder a objecções deste valor appa-

rente só me conteve o proposito de evitar disputas escusadas. Não foi assim. Contiveram-me considerações de maior monta. Se o eram ou não V. Em.ª o julgará.

Antes de tudo, observará V. Em.ª que eu digo *disputas escusadas*. Digo-o, porque esses testemunhos contemporaneos não bastam, como V. Em.ª sabe, para acreditarmos nos milagres da idade média. Á excessiva devassidão e bruteza aquelles tempos de trevas uniam uma crença fervorosa, confundida com superstição extrema. A idéa religiosa formulava-se em tudo, na guerra, na vida civil, nos affectos do coração, nas artes, na litteratura, na sciencia, e quando uma idéa domina assim a sociedade, converte-se em prisma através do qual as cousas se illuminam com as côres que elle lhes transmitte. O maravilhoso introduzia-se em todos os factos, em que as imaginações, possuidas de uma especie de febre moral, achavam pretextos mais ou menos plausiveis para lh'o attribuir. Accrescia a tendencia innata dos homens para indagar as causas dos diversos phenomenos. Comprimida n'um ambiente de ignorancia e rudesa (ambiente em que vive boa parte do nosso clero), essa tendencia dilatava-se, respirava pelo unico resfolgadouro possivel, pela facil theoria do maravilhoso, do sobreintelligivel. Nas chronicas d'então quasi que o miraculoso é o regular, e o natural a excepção. Dos chronistas dos seculos barbaros o mais despreoccupado é o benedictino inglez Mattheus Paris. Todavia centenares, que não dezenas, de milagres absurdos são gravemente narrados na *Historia Major*. Permitte-me V. Em.ª que lhe recorde um exemplo do modo de vêr daquellas eras? Sem sairmos do reino, nem do seculo XII, e até limitando-nos á vida do personagem a quem se attribue o singular favor de Ourique, temos á mão um exercito de milagres, posto que em sentido inverso ao da apparição. Alludo aos desgostos de S. Rosendo com o nosso primeiro rei. A vida do sancto, *escripta no seculo XII*, foi, como V. Em.ª sabe, publicada por Florez, e uma cópia talvez coeva, ou quando muito do seculo XIII, existe ainda entre os manuscriptos de Alcobaça (codice 133). Ahi lemos que o rei portuguez fôra obrigado a levantar o sitio do castello Sandino, nas margens do Ar-

noia, por uma tempestade de raios que o sancto desfechou contra elle. Se acreditarmos o pio agiographo, o seu implacavel heroe nunca perdoou a Affonso I, apparecendo por tres vezes a diversas pessoas para protestar vingança contra o principe, que nas suas correrias na Galliza não respeitára as terras do mosteiro de Cellanova. Nesta lucta atroz entre o grande da terra e o grande do ceu, S. Rosendo não poupava maravilhas. Debalde; porque, como observa o monge historiador, o coração do rei, que elle compara caritativamente a Simão Mago, estava obdurado, qual o de Pharaó, *para maior cumulo da sua condemnação*. A malevolencia milagreira do sancto não abandonou Affonso Henriques senão no tumulo. Os contratempos dos ultimos annos do reinado do fundador da monarchia, incluindo o desbarato de Badajoz, a fractura da perna, o aleijão com que ficou até á morte, tudo foi obra de S. Rosendo, e havia mesmo quem affirmasse ter visto o sancto revestido de corpo humano e muito atarefado, na occasião em que o rei de Portugal caiu prisioneiro do genro. São pelo menos vinte milagres attestados por um escriptor desses tempos. Penso que não me accusarão de avaro ou de desagradecido os que querem enriquecer á força o thesouro das minhas crenças com a apparição de Ourique. Vinte por um. Incontestavelmente eu sou muito mais rico do que elles em provisão de milagres.

De todas essas maravilhas, porém, apesar de subministrarem á credulidade melhores fundamentos que a de Ourique, faço eu tanto caso como desta ultima, pelas considerações que indiquei, aliàs bem escusadas para a comprehensão e litteratura de V. Em.ª Mas nem foi unicamente o preceito que a mim proprio impuzera de não malbaratar o tempo em questões desta ordem, nem essas considerações, que obstaram a que eu respondesse a um escripto, em que o erro, e talvez o despeito, vinham involtos em fórmas tão cortezes, que tocavam a raia de lisongeiras, e em que a argumentação tomava emfim o aspecto de uma cousa séria. Não, Em.mo Senhor! A refutação sería na verdade facil, decisiva, fulminante; mas ella lançaria uma torpe mancha sobre nomes illustres e caros á igreja portugueza. Repugnava-me

sobre tudo esta idéa. Por maiores precauções de que eu me rodeasse, a logica implacavel do publico tiraria as legitimas illações das minhas palavras, e converte-las-hia em desdouro commum de uma classe, que nenhum mal me havia feito. Se hoje a necessidade de repellir a insolencia covarde, como a insolencia o é sempre, me obriga a expôr actos vergonhosos e inqualificaveis, a culpa não m'a lancem. Dous annos de paciencia provam que o faço constrangido por aggressões demasiado graves, não por si nem por seus auctores, cousas profundamente insignificantes, mas pelo logar onde se commettem, por serem feitas com a intenção de excitar contra mim animadversões immerecidas, por se tentar, emfim, converter atraiçoadamente uma questão, que nem chega a ser historica, em questão religiosa. A gloria do escandalo deixo-a inteira aos que o provocaram. Se vou bater sobre campas, que cobrem cinzas involtas em vestes sacerdotaes; se perturbo a paz dos mortos para lhes bradar — « *Falsarios!* » — esta mão que se estende para indicar os criminosos, esta voz que se ergue para os condemnar, são minhas, mas protesto a V. Em.ª que quem as suscitou não foi o meu coração, nem a minha vontade. Ha no soffrimento um ponto que sem deshonra não é licito ultrapassar. Consta-me que o mais recente dos meus reverendos accusadores clamára no excesso do seu *sincero* zelo pela historieta da apparição, que *melhor fôra que eu não houvera fallado em tal*. Melhor ainda do que isso me parece teria sido que elle não houvesse feito trasbordar o calix, já demasiado cheio, de uma justa indignação.

A affirmativa de que no volume 51 da *Symmitica Lusitana* se encontra trasladada uma cópia do instrumento da apparição, coeva de Affonso I, É MENTIRA.

O texto de S. Bernardo, relativo á mesma apparição, que se encontra inserido no Breviario, no officio das Chagas, É FALSO.

Se algum dos reverendos cirzidores sabe latim (é-me licito duvidar disso com a igreja, que manifestou a sua hesitação a este respeito mandando accentuar as palavras dos livros rituaes com temor das syllabadas) que venha á Bi-

bliotheca Real, e ahi no volume 51 da Symmitica a paginas 128 lerá ou soletrará as seguintes palavras, escriptas na lingua latina, por baixo do traslado do instrumento da apparição, nota escripta pela mesma letra do copista = *Brandão, Monarchia Lusitana Parte 3.ª pagina 127. Extrahido de um codice que o auctor viu em Lisboa.* = Eis em que consiste o traslado da copia *coeva*. Cenaculo, citando o documento pelo indice, quando podia cita-lo pelo logar competente da collecção, o que lhe era igualmente facil, commetteu uma daquellas levezas que não raro occorrem nos seus escriptos, ou practicou uma *pia fraude?* O bello e nobre caracter do bispo de Béja me faria adoptar sem hesitação o primeiro supposto, se o empenho em que elle entrára de provar a farça de Ourique, cuja vaidade o seu elevado espirito necessariamente havia de sentir, não podesse perturba-lo a ponto de practicar um acto indigno de quem, como elle, era um homem de letras, um prelado virtuoso, e a todos os respeitos um varão singular.

A historia da passagem falsamente attribuida a S. Bernardo, é, porém, materia mais grave, porque nessa vergonhosa historia se acha compromettida a honra e a dignidade moral e litteraria do alto clero portuguez no meado do seculo passado. Não direi da curia romana, porque nesse ponto não ha já para ella compromettimento possivel: V. Em.ª conhece tão bem, e melhor do que eu, os seus annaes. A narrativa desse escandalo é em resumo a seguinte:

O patriarcha D. Thomás d'Almeida requereu a Bento XIV que concedesse ao clero de Portugal o officio proprio e missa das cinco Chagas, que, por decreto de 4 de julho de 1733, fôra concedido a certas freiras de Florença. Accrescentava-se na supplica dirigida ao pontifice que na sexta licção se houvessem de addicionar as seguintes palavras = *Quas lusitanum imperium etc.* = que constituem o texto allegado contra mim. Consistindo, porém, a sexta licção daquelle officio n'uma passagem de S. Bernardo, uma vez que não houvesse a devida distincção entre essa passagem e o novo additamento, este se converteria n'um testemunho importante a favor da lenda da apparição, de que provavelmente os

homens instruidos se começavam a rir depois do impulso que aos estudos historicos dera o governo no reinado de D. João V.

Accedeu Bento XIV á supplica do prelado portuguez. O decreto de concessão, o officio e a missa expediram-se para Portugal impressos na typographia da camara apostolica. Segundo parece, a impressão foi feita no estio, e o compositor romano, no acto de compor a fatal sexta licção, estava perturbado pela febre da *malaria*. O additamento ficou enxertado nas phrases solemnes do grande abbade de Charaval com tão subtil sutura, que faria honra a um operador de rhinoplastica. Atacado tambem pelos miasmas putridos das lagoas pontinas o revedor da camara apostolica *esqueceu-se* de emendar o erro. Aquelle *innocente* engano partiu emfim para Portugal.

Aqui, n'uma epocha em que ainda os estudos do clero não tinham chegado á decadencia em que hoje os vemos, e que V. Em.ª lamenta como eu; em que as cadeiras episcopaes do reino estavam occupadas por muitos homens notaveis por sciencia e virtudes, o antecessor de V. Em.ª, que então presidia á metropole de Lisboa, *esqueceu-se* de que essa passagem perfilhada a S. Bernardo tinha um auctor bem moderno, e entre os bispos, entre os theologos do clero secular não houve um só que *advertisse* no falso testemunho que na sexta licção do novo officio se levantava ao fundador dos cistercienses. Os seus filhos, os seus proprios monges se calaram. Os prelos têm gemido durante um seculo com as reimpressões do breviario, e neste longo periodo nem uma voz, que eu saiba, se ergueu para dizer que em nenhuma edição, em nenhum codice manuscripto das obras de S. Bernardo se encontra a supposta passagem.

«E que admiração? — respondeu-me um malicioso, a quem eu manifestava em certa occasião o meu espanto á vista deste phenomeno singular. — O clero não lê os padres da igreja: deixou essa tarefa aos seculares. E para que os havia de ler, se lhes é de sobra o Larraga?»

Dou a minha palavra a V. Em.ª de que repelli com todas as minhas forças este rude epigramma. Eu sei que ha,

conheço, até, sacerdotes cuja instrucção é tão solida, como vasta. O tracto de V. Em.ª, durante a epocha em que fomos collegas no parlamento, me fez conhecer um dos mais distinctos entre elles. Infelizmente esse epigramma, injusto na sua fórma absoluta, não deixa de ser merecido em muitos, talvez no maior numero de casos.

Sabe V. Em.ª quem protestou contra essa falsificação audaz, contra essa fingida ignorancia, contra esse torpor inexplicavel, ou explicavel de mais? Foi aquella ordem ácerca da qual então se repetiam, e hoje se repetem diariamente graves accusações de immoralidade. Foram os jesuitas, que n'uma edição do novo officio, feita para o proprio uso, separaram com um asterisco o texto de S. Bernardo da invenção moderna. Acaso este procedimento deu origem a um livro, *os Novos Testemunhos*, do celebre e implacavel inimigo dos jesuitas, o padre Pereira, livro que se o não tomarmos como uma longa ironia, deshonra a memoria de uma das mais fortes intelligencias que Portugal tem gerado.

Agora está V. Em.ª habilitado para avaliar se eu procedi com circumspecção guardando silencio ante as refutações que se me dirigiam pela imprensa; se não houve no meu proceder uma dessas abnegações, que não são vulgares, em despresar um triumpho tão facil como decisivo, preferindo ficar como vencido e humilhado aos olhos dos menos instruidos a salvar o meu nome de uma nodoa litteraria e até certo ponto moral. Se, emfim, é justo, se é decente, que membros do clero aggridam de um modo illicito, e profanando a santidade dos templos e a santidade do seu ministerio, um homem que sacrificou o proprio orgulho para não rasgar o véu de uma fraude dessas, que os hypocritas qualificam de pias, e que eu qualificarei de immoraes.

Como Sem e Japhet queria encubrir a falta de pudor de Noé: o sacerdocio obrigou-me emfim a ser como Cham. Fizeram-me voltar a face: constrangeram-me a descerrar os olhos. Praticaram uma boa obra: devem della gloriar-se.

E quem é o homem que os prégadores de Portugal offerecem á execração publica, porque não quiz vender a sua alma ao demonio da mentira; porque não quiz deshonrar-se

e deshonrar com embustes o seu livro? Que V. Em.ª me consinta fazer aqui esta dolorosa pergunta á minha consciencia; interrogar severamente o meu passado. Tem o clero a combater em mim um inveterado e perigoso inimigo? É o seu tão insolito proceder um impeto de vingança, que o excita a repellir um perseguidor implacavel? Ha quinze annos que trabalho na imprensa, e senão por merito proprio, ao menos por circumstancias, que não importa aqui recordar, muitas das paginas avulsas, que tenho deixado apoz mim na carreira da vida, se derramaram por todos os angulos do paiz, penetraram aonde livros e jornaes de mais alto pensar nunca haviam chegado, e talvez nunca depois chegaram. Haverá nessas pobres paginas alguma cousa que possa incitar a colera sacerdotal? Como procedi eu sempre ácerca da igreja e do clero? As idéas do seculo, recalcadas por uma compressão violenta, a que, força é confessa-lo, a maioria do sacerdocio se havia associado, tinham reagido violentamente, e assentavam-se triumphantes sobre as ruinas do passado quando eu entrei no campo da imprensa, no campo das batalhas do espirito. De roda de mim jaziam os fragmentos da sociedade que fôra, e no meio delles o clero, disperso, empobrecido, cuberto de affrontas, experimentava as consequencias do predominio de um partido adverso e irritado. A situação da igreja portugueza nessa epocha, e sobre tudo a situação dos regulares, sabemos todos qual era. Foram feridas de que, porventura, ainda mais de uma goteja sangue. Os homens das velhas opiniões politicas, no meio do terror, vergados pelo desalento de uma quéda tremenda, duplicadamente dolorosa pela desesperança, calavam. Nem uma voz amiga se alevantava nesta terra de Portugal a favor da igreja batida pela tempestade. Ainda então esse grupo de mancebos cheios de talento, de inspirações grandiosas e de crença fervente na liberdade humana, e pela liberdade na eterna justiça; essa phalange, no meio da qual todos os dias apparecem novos soldados, e que não se envergonha de Deus nem do seu Christo, não tinha ainda começado a surgir para ser generosa, amplamente generosa, com os adversarios das suas ideas, quando a desventura os sanctifica. Na imprensa libe-

ral, revolucionaria, impia, como quizerem chamar-lhe, eu, só eu, tive por muito tempo palavras de affeição e consolo para a desgraça; só eu tive animo para accusar os homens do meu partido d'espoliadores e d'insensatos; para tentar revoca-los á poesia do christianismo, do eterno alliado da liberdade. A voz que do campo do progresso saudava o templo enlutado e deserto era debil, mas sincera: a mão que se estendia para amparar o sacerdote curvado sob o peso da agonia era bem pouco robusta, mas era bem leal! Como Yorick guardava a caixa do pobre franciscano entre os symbolos da sua religião de affectos, eu guardo para mim, e só para mim, mais de um papel escripto por mãos trémulas de velho monge, e talvez regado por lagrimas, em que se reconhecia a possibilidade de haver um homem das novas idéas que não fosse absolutamente um malvado. É sobre estas reliquias que eu quero encostar a cabeça para dormir tranquillo o ultimo e longo somno em que todos devemos repousar. Não receiem pois os que me chamam hoje impio e hereje, que eu os envergonhe com o testemunho dos que valiam mais do que elles, dos verdadeiros martyres do passado. São cousas essas queridas e sanctas para mim. Estejam certos de que não as prostituirei jámais.

Depois, pouco a pouco, foi-se estabelecendo nos animos uma reacção salutar: começou-se a sentir que o templo e o sacerdote eram importantes elementos de paz, e que podiam ser instrumentos da liberdade. Vieram outros pelejadores, todos mais fortes e déstros, combater na arena onde por tanto tempo eu me tinha achado só. Não foi de certo a minha influencia litteraria que trouxe este resultado. Trouxe-o o progresso da razão humana, a força irresistivel da verdade. Entretanto, parece que, retirando-me do posto que defendêra com os limitados recursos que Deus repartíra comigo, merecia do clero, por si e pela igreja, um *vale* de paz.

Em logar disso tenho a guerra, acerba, covarde, atraiçoada. Porquê? Porque trouxe para o campo da historia o mesmo amor da verdade singela, que tinha mostrado n'uma das mais graves questões sociaes.

Não me arrependo do que fiz. Cumpri um dever que

me impunham Deos e a minha consciencia. Não espero arrepender-me do que faço. Cumpro uma obrigação litteraria, e estou certo de que bem mereço da terra em que nasci escrevendo a verdade.

Sabe V. Em.ª sobre que eu hesito? É sobre a legitimidade absoluta das minhas queixas: é sobre se no que eu supponho um dever d'honra, não haverá um pouco da obcecação da vaidade.

Quando Roma, que parece ter jurado nas aras de Jupiter Stator o exterminio do catholicismo, crucifica no seu *Index* nomes como os de Chateaubriand e Lamartine; nomes como os de Gioberti, e Ventura, terei eu, verme que passo á sombra do meu nada, direito de offender-me porque de pulpitos obscuros, n'um canto obscuro da Europa, alguns clerigos maus ou ignorantes lançam sobre mim o vilipendio das suas palavras?

Quando a igreja, involvendo a fronte no véu da sua immensa tristeza, e sentindo humedecer-lhe os pés o sangue humano vertido pelo ferro sacerdotal, contempla aterrada o futuro, ha dor de individuos a que seja licito um brado?

Cerrarei aqui o discurso, porque temo ir mais longe do que eu quizera. Permitta-me V. Em.ª que termine fazendo um voto, ao qual sei que V. Em.ª se associa, bem como os outros prelados de Portugal. Oxalá venha em breve o dia em que o clero deste paiz possa receber uma educação digna do seu elevado destino, e conhecer por estudos severos e bem dirigidos, que o ser christão não é ser nem hypocrita nem fanatico.

Ajuda, 30 de junho
de 1850.

Sou de V. Em.ª subdito reverente

A. Herculano.